

**ENSINO DE LÍNGUAS NO CONTEXTO ACREANO: O (RE) PENSAR DAS
NOVAS IDENTIDADES E ALTERIDADES**

**LANGUAGE TEACHING IN THE ACRE CONTEXT: THE (RE) THINKING
OF IDENTITIES AND OTHERNESS**

**ENSEÑANZA DE LENGUAS EN EL CONTEXTO ACREANO: EL (RE)
PENSAR DE LAS NUEVAS IDENTIDADES Y ALTERIDADES**

Francisca Jaiclea Farias Ramos¹

José Mauro Souza Uchôa²

RESUMO

O texto apresenta uma discussão bibliográfica baseada em artigos publicados nas revistas, *Anthesis*, *Communitas* e *Muiraquitã*, ambas pertencentes aos periódicos da Universidade Federal do Acre (Ufac). Com a finalidade de estabelecer uma relação com o objeto de pesquisa de mestrado e com as discussões levantadas durante as aulas na disciplina Práticas de Linguagem e Ensino, em parceria como o professor regente da referida disciplina, foram selecionados artigos em que os autores tratam de temas como, ensino de língua espanhola, oralidade, cultura e identidade, os quais possuem conexões entre os temas abordados. Para tanto foi utilizada pesquisa bibliográfica nos periódicos da Ufac, com o intuito de apresentar e refletir sobre questões abordados pelos autores, que discutem temas como: a importância da oralidade nas aulas de língua espanhola no ensino médio, a interculturalidade no ensino de línguas, preconceito linguístico, o ensino dos gêneros orais e a construção de identidades, que serão apresentados no percurso do texto.

Palavras-chave: Ensino de línguas. Identidades. Oralidade.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – UFAC. E-mail: Francisca.jaiclea@sou.ufac.br

² Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2012). Professor do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens E-mail: jose.uchoa@ufac.com

ABSTRACT

The paper presents a bibliographical discussion based on articles published in journals, *Anthesis*, *Communitas* e *Muiraquitã*, both belonging to the periodical publications of the Universidade Federal do Acre (UFAC). For the purpose of establishing a relationship with the master's research object and with the discussions raised during classes in the subject Language and Teaching Practices in partnership with the teacher in charge of that subject, papers were selected in which the authors deal with topics such as: teaching Spanish Language, orality, culture and identity, which have connections between the topics explored. For this, a bibliographic research was used in Ufac journals, in order to present and reflect on issues addressed by the authors, that discuss topics such as: the importance of orality in Spanish language classes in high school, interculturality in language teaching, linguistic prejudice, the teaching of oral genres and the construction of identities, which will be presented in the course of the text.

Keywords: Language Teaching; Identities; Orality.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos hoje em uma sociedade onde a tecnologia, a globalização e a chamada indústria cultural ditam as regras, os rumos e o ritmo a ser seguido pelas diversas esferas sociais, inclusive pela educação. Nesse atual contexto a cultura das narrativas orais vem perdendo espaço nas rodas de conversas familiares e pouco se utiliza nas escolas como metodologia de ensino aprendizagem, e quando utilizadas são pouco exploradas.

O presente trabalho tem o intuito de trazer reflexões em relação a construção de novas identidades e alteridades, adquiridas a partir do contato com outras culturas por meio do ensino aprendizagem. Através dos autores que serão apresentados no percurso do texto, buscamos estabelecer relações entre os temas por eles abordados e o objeto de pesquisa do mestrado, cujo tema é: O ensino de língua espanhola por meio de mitos e lendas da Amazônia brasileira e peruana, visando diferentes estratégias de ensino, baseadas na comunicação oral e na valorização das narrativas orais tradicionais como objeto de estudo, buscando (re) significar e resgatar as narrativas orais tradicionais da região amazônica.

A presente pesquisa é de cunho bibliográfico e tem como objetivo apontar possíveis metodologias para o ensino de língua espanhola por meio dos mitos e lendas, enfatizando a oralidade. É uma possibilidade para se conhecer a cultura do outro, para descobrir aspectos narrativos semelhantes e diferentes, aos das narrativas da Amazônia brasileira e assim romper com possíveis preconceitos linguísticos, culturais e raciais que

venham a existir em relação a cultura do outro e a nossa própria cultura, possibilitando o processo de ensino-aprendizado pela perspectiva intercultural.

Os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento do presente trabalho, se deram por meio de pesquisas realizadas em artigos publicados nos periódicos *Anthesis*, *Communitas* e *Muiraquitã*. Com a finalidade de reunir publicações que apresentassem uma certa relação dos temas abordados entre si, tendo em vista que, tais periódicos apresentam em suas publicações abordagens referentes a área de linguagem e ensino.

Para isso foram utilizados autores como Oliveira e Oliveira (2018) que falam da importância de se trabalhar a oralidade nas aulas de língua espanhola, Ishii (2017) que traz reflexões sobre o ensino de línguas numa perspectiva intercultural mediado pela linguagem, Chaves e Magalhães (2015) que pontuam sobre o ensino do texto oral nas práticas em sala de aula, Blanco (2017) que discorre sobre a formação das identidades dos discentes de licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Federal do Acre (UFAC) campus de Cruzeiro do Sul (CZS) e Araújo, Valeiko e Uchôa que abordam a questão do preconceito linguístico e como este dificulta a inserção nas práticas discursivas. O fio condutor da discussão bibliográfica aqui apresentada é a linguagem e ensino.

2. ENSINO DE LÍNGUAS COMO ELEMENTO DE FORMAÇÃO E AQUISIÇÃO DE NOVAS IDENTIDADES

As identidades humanas são constituídas a partir das interações e das experiências sociais entre pessoas, em que se compartilham valores, crenças, saberes, regras e etc. Tais interações moldam ou remoldam as identidades dos sujeitos constantemente, seja de forma direta ou indireta. A todo instante estamos recebendo influências de outros e as absorvemos, assim também como os influenciados, conforme Blanco (2017, p.154):

Refletir sobre a identidade nos direciona ao processo de interação dos sujeitos nos mais variados espaços sociais. No entanto, esse processo de conhecimentos não se limita somente a um conjunto de representações sobre si mesmo e o outro, mas, também, pelo ambiente social no qual estão inseridos que se agregam na produção das identidades. Afinal, nossas várias identidades são tecidas em diversas possibilidades proporcionadas pela experiência social.

Nesse sentido o ambiente escolar é espaço de produção de identidades, pois proporciona trocas de saberes e conhecimentos científicos e culturais.

O ensino de línguas estrangeiras atua como elemento de formação e aquisição das diversas identidades, pois ao ensinar ou aprender uma nova língua estamos absorvendo aspectos culturais do outro, e assim (re) formando outras identidades, quando aprendemos algo novo já não somos o mesmo que anteriormente. De acordo com Blanco (2017) “ O eu só existe a partir da contraposição do outro”, ou seja, as identidades são (re) formuladas, a partir da interação com outros sujeitos onde a troca de saberes, tradições, crenças e hábitos se entrecruzam.

Ishii (2017) traz reflexões sobre uma prática intercultural de ensino de línguas mediado pela linguagem. Para a ela o professor de ensino básico tem um papel fundamental, na promoção dialógica entre línguas e culturas, e conseqüentemente sobre identidades. Segundo Ishii (2017, p.115), “transitar em duas ou mais línguas permite o acesso a matrizes culturais diferentes que divergem, convergem ou complementam-se”.

De acordo com a autora, é necessário repensar as epistemologias e práticas etnocêntricas, se desprender do ensino de línguas que valoriza apenas uma variante. É importante que o aluno saiba que, aquele mesmo idioma apresenta outras variantes e que, cada variação linguística é carregada de cultura e marcas linguísticas da região ou território que dela faz uso. Tendo em vista que a língua irrompe as fronteiras nacionais, como é o caso da língua inglesa e da língua espanhola por exemplo, que são línguas mundialmente faladas. Nessa situação em que a língua transcende as fronteiras geográficas, o idioma deixa de ser nacional e passa a ser mundial.

Ishii (2017) não com embasamento científico, mas citando a autor moçambicano Mia Couto, propõe

...repensar as fronteiras entre o **eu** e o **outro**, de modo a vê-las não como lugar de separação, mas como lugar de encontro e de trocas. Ao invés de pensarmos o “eu” separado do “outro” por uma conjunção aditiva e um artigo definido, talvez pudéssemos reescrever ou mesmo inscrever a relação do **eu-outro** tomando o hífen como elemento base que, ao mesmo tempo, separa e une os dois pólos (ISHII, 2017, p.117).

Segundo propõe a autora, esse repensar é no sentido, do **eu** e o **outro** não serem vistos ou entendidos como pólos conflitantes ou que se contrapõem, como dicotomias divergentes, mas como pólos que se exigem, que se complementam. Nesse sentido ao

falar do estrangeiro temos que compreendê-lo não como um inimigo nosso, ou um ser inferior, conforme é colocado pela razão ocidental de alteridade.

...o “estrangeiro”, (...) não poderia simplesmente ser condenado a ser o “nosso” “oposto”, pois, no dizer de Julia Kristeva, “estranhamente, o estrangeiro habita em nós”. Embora seja considerado historicamente o “símbolo do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade” (ISHII, 2011, p. 111. Apud ISHII, 2017, p. 118).

Repensar o papel do professor de língua “estrangeira”, é uma tarefa necessária, frente a necessidade de repensar o estrangeiro em relação a língua que está sendo ensinada. Os permanentes deslocamentos, e liquidez das fronteiras internas e nacionais e das identidades, de acordo com Ishii (2017) nos convidam cada vez mais a sermos cidadãos/ cidadãs do mundo e não apenas de um único lugar. Conscientes da relação de interdependência do eu e do outro, em que a existência de um depende da existência do outro.

3. RELEVÂNCIA DO ENSINO DE ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUAS MATERNA E ESTRANGEIRA

É inegável que o sistema educacional no Brasil apresente grandes avanços, em sua constituição e uso de mecanismos diversificados como meio de facilitar e aprimorar o ensino aprendizagem, grande é o esforço de professores e especialistas da educação na busca dos melhores métodos para o ensino, em suas diversas áreas do conhecimento. Porém quando se trata do ensino de línguas seja a língua portuguesa ou uma segunda língua, a ênfase maior é dada ao uso da gramática, da leitura e da escrita, deixando o ensino da oralidade em segundo plano, ou utilizando-a como auxiliar na produção dos gêneros escritos, como que não seja importante trabalhar e também ensinar essa área do conhecimento.

Chaves e Magalhães (2015) discutem sobre a importância do ensino dessa competência, fazem uma crítica a recepção de alguns professores sobre o ensino da competência oral. Para alguns não é necessário ensinar oralidade em língua portuguesa, pois o aluno já domina essa modalidade, pois é a língua materna do mesmo, o ensino da competência oral é papel apenas dos professores de línguas estrangeiras. Para Chaves e Magalhães (2015):

Diante do descaso com o ensino da oralidade e a compreensão equivocada do que seja o trabalho com os gêneros orais, surge a necessidade de refletir sobre o papel da escola como formadora do cidadão, do preparo do aluno para exercer a competência comunicativa e da contribuição do aprendizado dos gêneros orais para a formação desses estudantes. (CHAVES, MAGALHÃES, 2015, não paginado).

A discussão levantada por Chaves e Magalhães (2015) aponta para a necessidade do ensino da competência oral também nas aulas de língua portuguesa, tendo em vista que a escola é quem prepara o aluno para situações reais de uso da língua, é quem prepara o cidadão para os diversos desafios a serem vivenciados. Segundo as autoras:

Sendo a oralidade uma modalidade de uso da língua que está presente tanto nas situações informais quanto nas formais, deve ser ensinada, considerando que o expressar-se oralmente, de acordo com a exigência da situação comunicativa, é uma questão de saber e adquirir-se através da aprendizagem. Portanto a oralidade deve ser ensinada na/e pela escola. (CHAVES, MAGALHÃES, 2015, não paginado).

As autoras postulam que, em seu trabalho não pretendem trazer uma receita pronta sobre como ensinar a modalidade oral, mas sim propor uma reflexão sobre como essa competência está sendo ensinada. Segundo Chaves e Magalhães (2015), “a escola prioriza o ensino dos gêneros textuais escritos e dificilmente são ensinados os gêneros orais”.

Os autores Oliveira e Oliveira (2018), ao relatarem a conduta pedagógica de uma professora de língua espanhola em uma escola de ensino médio de Cruzeiro do Sul, também tecem uma crítica sobre como a oralidade é deixada em segundo plano em detrimento do ensino e supervalorização de outras competências, segundo eles:

...ainda existe uma grande privilegiação da escrita em detrimento da oralidade, sendo que no contexto escolar os professores ficam presos a gramática normativa, o que vem a interferir negativamente no processo de aquisição no tocante à oralidade do estudante com relação à nova língua (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2018, p. 224).

A prioridade dada a outras competências e o “esquecimento” do ensino dos gêneros orais, prejudica não só a aquisição da oralidade na língua materna, mas também na aquisição de uma segunda língua, em que a oralidade é uma das competências necessárias a serem desenvolvidas no ensino e aprendizagem de um novo idioma, em

relação ao incentivo e ensino da oralidade para o aprendizado de uma segunda língua, Oliveira e Oliveira (2018) enfatizam que:

...apesar de toda essa importância da oralidade, percebe-se que as escolas não trabalham ou incentivam essa competência linguística de forma eficaz, sobretudo, quando nos referimos ao ensino de uma língua estrangeira. Tais condutas podem vir a comprometer futuramente os estudantes na assimilação da nova língua (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2018, p.226).

Não há um diagnóstico que explique a supremacia das outras modalidades no ensino, nem os motivos pelos quais os professores deixam de trabalhar a oralidade tanto nas aulas de língua portuguesa quanto nas aulas de uma segunda língua. O aprendizado e o “treinamento” dessa competência comunicativa são orientados pelos PCN como sendo fundamental para a interação e o convívio social, é um preparo para o exercício da cidadania. A escola deve ensinar conteúdos que proporcionem aos alunos o desenvolvimento de suas capacidades, levando em consideração que esses sujeitos também farão uso desses conteúdos fora do ambiente escolar. Segundo os PCN de Língua Portuguesa:

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidades de plena participação social (BRASIL, 1998, p. 19. Apud CHAVES, MAGALHÃES, 2015, não paginado).

Mesmo o aluno já tendo domínio básico da capacidade comunicativa e discursiva, o ensino da oralidade é importante pois possibilita a este, a utilização da língua e da linguagem de forma variada, produzindo diferentes sentidos e adequando o seu discurso a diferentes situações. Deve ser observado que, não se deve ensinar o que o aluno já sabe, mas levá-lo a conhecer e desenvolver outras formas de uso da língua, até então desconhecidas por ele. A respeito desse assunto Cléo Busatto postula que:

Falar com propriedade dentro de um contexto solicitado fortalece o senso de cidadania, promove a interação social, oferece instrumentos argumentativos que propiciam a comunicação e asseguram a autoestima do falante. Para que a fala comunique sem ruídos, é necessário, além do conhecimento prévio do assunto em pauta, ter um amplo repertório de vocabulário e imagens, e uma mente estimulada a construir um texto na memória. Podemos auxiliar as crianças nessa tarefa, exercitando a oralidade na sala de aula. (BUSATTO, 2010.p.6.Apud CHAVES, MAGALHAES 2015, não paginado).

O trabalho com gêneros orais é importante para a formação do cidadão, pois a oralidade é instrumento de formação da capacidade sociodiscursiva, sendo esta o mais completo instrumento da comunicação humana. É importante lembrar que os gêneros orais pertencem ao sistema linguístico dos gêneros escritos, em que um não é mais importante que o outro, e que mesmo apresentando características distintas não são suficientes para caracterizar dois sistemas linguísticos diferentes ou uma dicotomia, portanto não sendo possível dissociá-los.

Em se tratando do ensino aprendido em uma segunda língua, a comunicação para acontecer de forma satisfatória, deve contemplar as quatro habilidades essenciais a serem dominadas no novo idioma, que são compreensão auditiva, leitura, escrita, produção oral ou fala. Esses quatro elementos são imprescindíveis para o desenvolvimento da capacidade comunicativa do indivíduo em língua estrangeira, quando se domina essas quatro habilidades, ”, segundo Oliveira e Oliveira (2018) “a aprendizagem se torna mais prazerosa e produtiva a partir do momento em que o estudante se dá conta que começou a ter um domínio significativo dessas habilidades”.

A aquisição de uma nova língua de modo satisfatório depende da interação professor-aluno, das relações que estes estabelecem, interferindo inclusive na recepção dos conteúdos e no resultado final do processo de ensino.

É importante que o professor aproxime o ensino da realidade dos alunos, que estabeleça uma relação amistosa de troca de saberes, que crie laços afetivos com os discentes, que considere os conhecimentos trazidos pelos alunos. É necessário que a fluência na nova língua seja estimulada e adaptada segundo a necessidade de cada um, Manga (2012), Apud Oliveira e Oliveira (2018), pontua algumas ideias que auxiliam o professor em sua prática pedagógica, com a finalidade de estimular o desenvolvimento da capacidade comunicativa, que auxiliam não somente o professor de língua espanhola, mas que também podem ser utilizadas como metodologias de ensino pelos professores de língua portuguesa.

A la hora de desarrollar en la clase la destreza de expresión oral contamos con una amplia variedad de actividades para cada momento del programa de enseñanza y para objetivo. En función del nivel de conocimientos de los estudiantes, el grado de formalidad de la lengua hablada y el canal comunicativo utilizado, podemos distinguir las siguientes: a) diálogos o conversaciones; b) encuestas y entrevistas; c) técnicas dramáticas –dramatizaciones, juegos de rol y simulaciones -; d) exposiciones de temas; y g) actividades de carácter lúdico. (MANGA, 2012, p.162. Apud OLIVEIRA, OLIVEIRA 2018, p.229).

Referente ao ensino da oralidade, existem diversas possibilidades de dinamizar as metodologias, a fim de despertar no aluno a fluência oral e, por conseguinte o domínio dessa competência na nova língua.

Diversificar as formas de ensinar, tornar as aulas mais dinâmicas, procurar aproximar as aulas de situações reais vivenciadas pelos alunos, desperta o interesse dos mesmos pelo processo de ensino, tornando-os mais participativos, através das diversas abordagens perdem a timidez de falar, e conseqüentemente a fala no novo idioma se desenvolve, agregando novos sentidos e novo vocabulário.

4. PRECONCEITO LINGUÍSTICO E CULTURAL NO AMBIENTE ESCOLAR

O estado do Acre, apresenta em sua constituição populacional uma grande mistura de etnias. A língua portuguesa brasileira, recebeu e recebe influências de diferentes idiomas e dialetos locais ou estrangeiros, tendo em vista que a língua é viva e está em constante transformação.

O preconceito linguístico é visível não só em ambientes externos a escola, infelizmente é possível detectar não só o preconceito linguístico, mas também o preconceito cultural no ambiente escolar, seja com alunos vindos de outro estado ou país diferente, seja com alguém que veio da zona rural ou da área indígena para estudar na cidade, até mesmo nas escolas de áreas rurais é possível identificar esse tipo de preconceito.

Os autores Araújo, Uchôa e Valeiko postulam que:

A miscigenação de culturas acaba gerando desprezo e menosprezo a tudo o que não seja precisamente ao que é considerado como norma padrão. É indispensável afirmar que todo menosprezo a essa diferença é considerado preconceito. Segundo o linguista, Bagno (1999) a noção de correto é imposta pelo ensino tradicional da gramática normativa, que origina um preconceito contra as variedades não padrão. (ARAÚJO, UCHOA, VALEIKO, 2016, não paginado).

Algumas pessoas infelizmente têm por hábito menosprezar e tratar com indiferença aos que são “diferentes”, que não estão dentro dos padrões culturais aceitos como “corretos” ou “ideais”. A escola como lugar de promoção de cultura e cidadania deve inserir em seu currículo temas que possibilitem ao aluno conhecer outras culturas, de

modo que estes sujeitos compreendam que a sociedade é composta por pessoas de costumes, de sotaques, de crenças, de filosofias de vida diferentes um dos outros.

De certa forma a escola também contribui com a instauração do preconceito linguístico, por ensinar que somente o uso da gramática normativa é o padrão correto, gerando intolerância, reduzindo os conhecimentos dos que não dominam ou desconhecem a norma padrão da língua, fazendo com que estes se sintam incapazes de se expressar em público por exemplo. De acordo com Leite (2008), apud Araújo, Uchôa e Valeiko:

[...] a intolerância linguística passa quase despercebida pela opinião pública e não provoca sérios abalos sociais, da mesma forma que aqueles provenientes da intolerância religiosa ou política, parece nem existir. Contudo, a intolerância linguística existe e é tão agressiva quanto outra qualquer, pois atinge o cerne das individualidades. A linguagem é o que o homem tem de mais íntimo e o que representa a sua subjetividade. Não é exagero, portanto, dizer que uma crítica à linguagem do outro é uma arma que fere tanto quanto todas as armas. (LEITE, 2008, p. 13. Apud ARAÚJO, UCHÔA, VALEIKO 2016 não paginado).

A escola deve estimular a sensibilidade e a compreensão dos alunos em relação as diferentes marcas da linguagem, pois marcas linguísticas são herdadas dos antepassados, do lugar de origem do sujeito, que compõem a identidade e fala da origem de cada um. As crianças desde os primeiros contatos com escola, já são desestimuladas quanto ao desenvolvimento da oralidade, ao chegar na escola falando a língua não padrão, da forma que aprendeu no ambiente familiar, ao cometer algum “erro” na maneira de falar, recebem uma enxurrada de “correções” o que acaba os deixando retraídos, e prejudicando seu desenvolvimento como um todo por medo de falar.

Segundo os autores Araújo, Uchôa e Valeiko (2016), é na escola onde o preconceito linguístico deve começar a ser combatido:

...a sala de aula é um espaço propício para incutir na mente dos alunos o respeito, a valorização com a linguagem do próximo, como também inserir em seu vocabulário a gramática, deste modo o aluno não terá perdido sua identidade como também vai estar integrado na linguagem formal (ARAÚJO, UCHÔA, VALEIKO 2016, não paginado).

A língua não é a gramática, a língua possui elementos que a gramática não possui, como a gesticulação ao falar, a entonação da voz, os sentidos produzidos com a fala. O ensino da gramática é necessário e importante para o aprendizado dos alunos, mas a forma não padrão também deve ser levada em consideração, incutindo nos alunos desde os

primeiros anos da escola a existência da variedade linguística e cultural, que cada ser humano é único e deve ser respeitado em sua individualidade e diferença.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de língua portuguesa e estrangeira, oportuniza ao sujeito a ampliação do contato com uma gama de novos conhecimentos e diferentes culturas. E quando o ensino prioriza também o desenvolvimento da competência oral, a capacidade de absorção de um maior número de novos vocábulos e de inferência de sentidos é desenvolvida no aluno, preparando-o para situações reais de uso da língua, para dar conta das demandas de uma sociedade cada vez mais multilíngue.

As noções de identidades, de diversidade cultural e linguística deve fazer parte dos debates no cotidiano escolar, em que a igualdade e a diferença sejam constitutivas no processo de ensino e aprendizagem. Vivemos numa sociedade onde a miscigenação linguística, cultural, social e racial é uma realidade, onde as identidades e a língua mudam constantemente no dia a dia por meio dos sujeitos que influenciam e são influenciados, é importante que essas misturas sejam vistas e entendidas como um privilégio.

Aproximar o ensino da realidade cultural dos alunos, é um dos métodos que pode ser efetivamente proveitoso não apenas no ensino de línguas, mas também em outras situações de ensino, por se tratar de algo pertencente à vivência e a cultura, pode despertar no aluno o interesse e a curiosidade em participar do processo de ensino aprendizagem, desenvolvendo assim as habilidades oral, escrita, leitora e gramatical da língua em questão.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Livia Bezerra; UCHÔA, José Mauro Souza; VALEIKO, Maria Clíssia de Souza. **Marcas de preconceito linguístico em uma comunidade rural amazônica.** Anthesis. N.08. 2016.

BLANCO, Simone Vieira Nieto. **A construção das identidades dos discentes do curso de Letras Espanhol/Universidade Federal do Acre (UFAC) do Campus Floresta.** Anthesis. N.09, p. 153-162, janeiro-junho. 2017.

CHAVES, Lindinalva messias do Nascimento; MAGALHÃES, Maria Aparecida Alberto. **O ensino dos gêneros orais.** Anthesis. N.06. 2015.
ISHII, Raquel Alves. **Interculturalidade e ensino de línguas.** Muiraquitã. N.01, p.114-127. 2017.

OLIVEIRA, Claudio Luiz; OLIVEIRA, Fabiano. **A conduta pedagógica e o ensino da oralidade nas aulas de língua espanhola para o 3º ano do ensino médio na escola Dom Henrique Ruth.** Communitas. N.03, p.224-232. 2018